



## Paixões e afetos: uma análise sobre conceitos e apropriações em tese de medicina do século XIX

Passions and affects: an analysis about concepts and appropriations in thesis of medicine of the 19<sup>th</sup> century

Roberto Silva de Souza

Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Brasil

### Resumo

Este trabalho visa discutir idéias contidas em uma tese de Medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro datada de 1836, na qual os principais conceitos investigados são os de paixões, afetos da alma, gratidão, amizade e amor à pátria. Busca-se investigar as tendências de compreensão das concepções acerca dos temas citados, dando principal relevo às influências sofridas pelos saberes da época, quais sejam, filosóficos, científicos, literários, etc. Como referencial teórico para este artigo, utilizamos os conceitos de "operações dos usuários" de Michel de Certeau e de "bricolagem" de Claude Lévi-Strauss, que tornam-se, neste ensejo, ferramentas para a compreensão da maneira como se desenvolve a discussão feita pelo autor da tese. É importante lembrar que as obras de Medicina eram um dos principais canais para a difusão de saberes psicológicos no século XIX, fato que fundamentou o interesse na presente investigação.

**Palavras-chave:** paixões; afetos; teses de medicina.

### Abstract

This work aims to discuss ideas contained on a Medicine thesis of the Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dated 1836, in which the main concepts proposed are those of passions, soul affects, gratitude, friendship and love for the country. It aims to investigate the trends of comprehension of the conceptions about the cited themes, highlighting the influences suffered by the period knowledges, such as: philosophic, scientific, literary, etc. As a theoretic referential for this article, we used the concepts of "users operations" of Michel de Certeau and of "bricolage" of Claude Lévi-Strauss, that become, on this occasion, tools for the comprehension of the way the discussion is developed by the author of the thesis. It is important to remember that Medicine works were one of the main channels for the diffusion of psychological knowledges of the 19<sup>th</sup> century, fact that founded the interest in the present investigation.

**Keywords:** passions; affects; Medicine thesis .

### Introdução

"A felicidade he o fim natural do homem; elle deseja invencivelmente ser feliz"  
(Manoel Ignácio de Figueiredo Jaime)

Pode-se dizer, sem medo de errar, que o momento atual é profícuo em produções historiográficas em Psicologia. Exemplo emblemático disso é a reedição de "Pensar e Dizer: Estudo do Symbolo no Pensamento e na Linguagem" de Manoel Bomfim (1923). Embora não seja um livro que trate da história da Psicologia no Brasil, é parte dessa mesma história e sua re-edição pelo Conselho Federal de Psicologia atende ao interesse de construção de uma historiografia brasileira. Publicado pela primeira vez quase noventa anos atrás, mostra a erudição do autor, que faz um trabalho de fôlego ao compor a obra com idéias do associacionismo, mescladas com hipóteses estruturalistas. Bomfim cita um número significativo de pesquisadores europeus, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos quando esteve no Velho Mundo bem como de sua ampla biblioteca importada, como era comum naqueles tempos de autodidatismo.



Se os pesquisadores e professores de história da Psicologia reclamavam da falta de material para trabalhos sobre história da Psicologia, tal problema parece significativamente atenuado pelo muito que se tem feito para preencher as lacunas anteriormente existentes.

Assim, vemos centros de estudos e pesquisas proliferarem em diversas universidades brasileiras. Até então, o que se via eram os professores dos cursos de Psicologia utilizarem manuais estrangeiros, traduzidos para o português, mas que pouco – ou nada – tratavam sobre a ciência psicológica no Brasil. Outro exemplo importante, neste caso, é o lançamento do livro “História da Psicologia: Rumos e Percursos” (2005), organizado por Jacó-Vilela, Ferreira e Portugal, obra que se fazia necessária por não haver nenhuma publicação semelhante editada no Brasil. Certamente isso não pode ser interpretado como uma coincidência, e sim como um imperativo cada vez maior de se fazer recurso à história da ciência psicológica por parte dos próprios psicólogos. Neste sentido, são importantes também os livros organizados por Campos e Antunes, cujos títulos são respectivamente “Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros” (2001) e “História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaios” (2004).

Que razões podem causar tamanho interesse pela história dos saberes psicológicos? Este parece um campo infinito e relegado até então a segundo plano.

Uma possível explicação pode ser encontrada em Wertheimer (1998). Este autor aponta para uma “negação de origem” por parte dos psicólogos, ou seja, de uma “vergonha” primordial que faria com que se procurasse esquecer as condições de emergência da ciência psicológica. Citando Robert Watson, aquele autor diz: “o *nouveau riche* não quer saber de sua árvore genealógica” (p. 23). Há vários motivos para que alguns psicólogos sintam-se afrontados em ter de se lembrar do princípio da disciplina que agora é seu campo de atuação. Há motivos ligados à compreensão de que a emergência da psicologia decorre da necessidade de um campo científico que defendesse os “interesses da classe dominante”. Isso, para alguns, é o suficiente para escolher pelo esquecimento do passado. Há uma atuação anterior que é proscrita, que deve ser deixada de lado, relegada à escuridão do esquecimento.

Se anteriormente havia esse sentimento de aversão a uma historiografia, isso parece ter sido sanado. Os atuais pesquisadores parecem ter ultrapassado temores anteriores. Decidiram atentar ao material antes repudiado, pois este mesmo material foi reconhecido como parte integrante de um processo que faz com que seja possível melhor compreender o momento atual.

Também o fato da Psicologia ter uma forte conotação moral faz com que os psicólogos se abstenham de fazer maiores estudos sobre sua “gênese”. O discurso moral contido nos estudos filosófico-teológicos anteriores – e que eram importantes fontes de difusão de idéias de cunho psicológico – hoje contrariam muitos dos preceitos defendidos pelos psicólogos em sua prática científica e profissional.

Com a finalidade de esclarecer melhor algumas das raízes dos saberes psicológicos em terras brasileiras, convém destacar a atuação jesuítica desde sua chegada no século XVI. Os discípulos de Inácio de Loyola eram considerados os intelectuais da Igreja Católica. Foram os principais administradores dos bens da Igreja, no que alcançaram sucesso (cf. Assunção, 2004). Sua atuação mais conhecida no Brasil é a que se refere ao trabalho missionário, pelo qual buscavam catequizar os indígenas, em busca de enriquecer o “capital divino” de almas. Outra importante influência dos homens da Companhia de Jesus ocorreu através da política, o que, entretanto, fez com que sofessem várias críticas e perseguições. Muitos dos trabalhos de Massimi (1984, 1989, 2005) se referem ao aporte trazido pelos jesuítas aos saberes psicológicos no Brasil.

Um dos melhores exemplos desses personagens é o padre Antônio Vieira (1608-1697). Além da ação missionária, ainda se dedicou à política, chegando a ser diplomata; escritor, editou seus sermões, parte mais difundida de sua produção; era reconhecido orador sacro, utilizando-se sempre bem da retórica, característica do tomismo, filosofia oficial da Igreja. Porém, foi em virtude de idéias proféticas que amargou um processo inquisitorial. Não que suas idéias proféticas fossem a única causa de seu infortúnio



perante o Santo Ofício, mas foi um bom argumento para que se efetivasse o que o tribunal da inquisição desejava, ou seja, processar Vieira.

A escrita de Antônio Vieira permite entrever um trabalho de cunho psicológico. Um dos mais interessantes é o estudo personográfico que faz em seu "Sermão da Sexagésima" (1655/1945, vol. I), no qual descreve o perfil de freis dominicanos, escrito que causou impacto negativo, pois o jesuíta não se utilizou de palavras brandas ao se referir à outra congregação.

É conveniente destacar que Vieira era um crítico feroz de todos aqueles que não se dedicavam às missões, a seu ver o verdadeiro trabalho dos homens da Igreja. Além disso, havia uma oposição histórica entre jesuítas e dominicanos, rivalidade que o texto de Vieira veio a acirrar.

Nos sermões de Vieira também aparecem diversas referências aos hábitos, à estrutura social e cultural dos indígenas, o que poderíamos denominar, de forma presentista, como uma "psicologia social". Isso corrobora com o que diz Antunes (2001) quanto ao fato de, neste período, as idéias psicológicas serem veiculadas em textos de filosofia teológica, educação e medicina.

Certamente Vieira é um exemplo, mas não pode ser apontado como o único. A extensa atuação dos jesuítas deixou marcas na cultura brasileira, já que eram responsáveis por boa parte da produção intelectual da colônia. Parte dessa produção inclui trabalhos que poderiam ser classificados, hoje, como antropológicos, sociológicos e, mesmo, psicológicos, como dissemos acima acerca dos hábitos indígenas, sua cultura, seus rituais: tudo era objeto de observação dos inicianos.

Um dos exemplos possíveis sobre as conclusões acerca da psicologia dos indígenas elaboradas pelos religiosos da Companhia de Jesus refere-se à "indolência" dos indígenas. Tratava-se de um povo preguiçoso, preguiça esta atribuída ao clima quente e à facilidade de obter todo o necessário para sua subsistência sem grande esforço, pois a natureza provia tudo. Este tipo de teoria permaneceu presente em diversos trabalhos por longo tempo. Frequentemente surgiam artigos onde o tal caráter indolente era citado, principalmente quando em comparação ao homem europeu, este sim sempre pronto para o trabalho, pois, como serem racionais, tinham controle sobre suas paixões nocivas.

Muito se discutiu sobre a dificuldade na escravização dos indígenas, já que estes eram preguiçosos. Os colonos buscavam nos nativos a mão-de-obra necessária para as suas necessidades, mas sempre se deparavam com a resistência que apresentavam ao trabalho no modo europeu. Tal fato levou Vieira, por exemplo, a fazer uma defesa de que os indígenas não fossem escravizados, o que gerou oposição por parte dos colonos, que insistiam em usar este tipo de mão-de-obra. Como foi matéria polêmica, Vieira optou pela conciliação, propondo algumas restrições a esta prática, como fazer com que alguns limites fossem impostos, tais como o respeito por alguns hábitos dos nativos (v. Neves, 1998).

Assim é visto o brasileiro: indolente, preguiçoso, avesso ao trabalho, amante da vida sem esforços físicos... De nada adianta tentar mudar seus hábitos, de nada adianta educá-lo para trabalhos pesados. A única coisa que se conseguirá é fazer com que se torne rotina o castigo físico por força da morosidade do homem da terra.

É difícil, para o homem do século XXI entender as visões presentes em obras dos primeiros séculos, consideradas como parte do campo das idéias psicológicas. No caso específico daquelas escritas a partir da realidade brasileira, não é raro encontrar textos - tanto no campo da medicina quanto no da educação e da religião - que falam sobre a indolência dos nativos. E estes textos, muitas vezes, guardam grandes distâncias temporais entre si, pois se pode constatar tal fato tanto em escritos do padre Antônio Vieira (1675/1945) quanto em textos já do final do século XIX e no século XX. Nestes, se o objeto de interesse não era mais o indígena, tratava-se de explicar o caráter do brasileiro, as causas de suas características, como, por exemplo, a "preguiça": o clima seria a justificativa para o comportamento moroso e avesso ao trabalho. A própria literatura nacional traz exemplos desse tipo de característica, como no caso dos personagens Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato e Macunaíma, de Mário de Andrade.



Vemos, pois, que teorias como a citada acima, se eram típicas do período colonial, perduraram durante longo tempo. Havia algo que diferenciava claramente o brasileiro do europeu e isso necessitava ser compreendido. O clima favorecia o cultivo, a terra era fértil, mas o calor dificultava o trabalho do homem, assim, ele se tornava menos disposto às tarefas e dedicava uma parte maior do tempo ao "descanso"...

De qualquer forma, os jesuítas deixaram contribuições relevantes sobre algumas peculiaridades do comportamento do homem brasileiro e estas podem ser encaradas como verdadeiros tratados de antropologia, sociologia e, claro, psicologia.

Há várias contribuições de historiadores da psicologia sobre a psicologia no Brasil no período colonial e monárquico. Como dissemos acima, Massimi é reconhecida como pesquisadora dedicada aos estudos dos saberes psicológicos no período colonial, bem como sobre a transformação ocorrida no século XIX, com os trabalhos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Estes, atualmente, são mais investigadas por, respectivamente, Espírito-Santo, Jacó-Vilela e Ferreri (2006) e Rocha (2001). Costa (1983) tem obra que até hoje é referência para o estudo das transformações ocorridas no país – notadamente na então capital, Rio de Janeiro – no século XIX. Há ainda a tese de Assis (2004), na qual são investigadas algumas idéias psicológicas constantes do Seminário Selecta Catholica nos anos de 1846-1847.

A nosso ver, estes estudos apontam para o que poderíamos denominar de "mudança de paradigma", alargando um pouco o uso dado por Kuhn (1975) a este conceito, bem como não considerando sua visão da psicologia como ciência pré-paradigmática. Neste sentido, vamos nos utilizar aqui do texto de Alberti, cuja dissertação de mestrado, de 1980, transformou-se depois em livro. Nosso objetivo é configurar a passagem do enquadre do saber psicológico no campo da Teologia e da Filosofia para sua apropriação pelo novo viés científico que adota a Medicina.

Assim, Alberti (2003, p. 18 e ss.) salienta as transformações ocorridas no século XIX, ressaltando a "tentativa de ultrapassar a grande dificuldade de acesso às coisas da cultura". Neste sentido, vê a tese de medicina de Henrique Roxo como exemplar, principalmente em se considerando estar tal obra no âmbito do que ela chama de "discurso psicológico". A tese de Roxo data de 1900 e é intitulada "Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados". Para a autora, este trabalho delega à psicologia a tarefa de medir, discriminar e estudar "os atos que serão objeto (comportamentos exteriores) de uma ciência empírica".

Alberti (2003) cita também outras transformações do século XIX, não somente a possibilidade de medir os atos humanos. Há também uma nova concepção do corpo humano, que é tomado em suas partes, e não no todo. A frenologia, desde a década de 1830, é uma das responsáveis pelos novos parâmetros da concepção de homem. A idéia de autoconsciência se esvai, pois quem conhece o homem é sempre o outro, que sabe melhor sobre o sujeito do que ele mesmo. Mesmo assim, a concepção anterior se mantém através dos "psicologistas" em cujas obras as matérias psicológicas permanecem dentro de uma concepção teológico-filosófica. Nesta, não há medidas do homem, somente o conhecimento que a dita matéria propõe.

De qualquer maneira, os "discursos psicológicos" fazem parte das transformações e rupturas presentes no século XIX. Ainda que lidando com idéias incipientes, a tentativa é a de aproximar o homem da cultura e do saber. Como diz Alberti (2003, p. 20):

É somente de certa forma que os primeiros discursos de psicologia no Brasil são retrógrados com relação a outros do saber ocidental. Eles são retrógrados somente se consideramos esse saber um todo em desenvolvimento: se europeizarmos, mais uma vez, nossa história; se pensarmos que a idéia de um saber concêntrico está fora de época em 1830. Não creio, aliás, na existência de textos atemporais.

À revelia de qualquer crítica em relação à qualidade das teses de Medicina do século XIX, Alberti nos chama a atenção para a importância da análise das produções dentro de seus devidos contextos. Pode-se pensar que, justamente em virtude da diversidade de



proposições presentes nas teses, é que se tornou possível a estruturação e organização posteriores de um saber psicológico autônomo. Independentemente de textos considerados de bom alvitre ou não, grande parte deles serviu para trazer à tona questões que passaram a fazer parte de discussões acerca do ser humano.

No presente artigo, analisaremos um texto em particular, mais especificamente a tese intitulada "Considerações sobre as paixões e afetos d'alma em geral, e em particular sobre o amor, a amizade a gratidão e amor da pátria" de Manoel Ignácio de Figueiredo Jaime, defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1836 para a obtenção do título de doutor em Medicina.

Para tanto, seguiremos seguintes eixos: a) o Brasil a que chega a Corte Portuguesa em 1808; b) as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; c) apresentação e análise da tese citada, para o que utilizaremos como recursos os conceitos de bricolage (Levi-Strauss, 2002) e de operações dos consumidores (Certeau, 2002).

### **Um contexto a conhecer**

Logo no início do século XIX – mais exatamente em 1808 – a Família Real Portuguesa vem para o Brasil, fugindo da ameaça de ocupação de Portugal por Napoleão Bonaparte. O centro de poder é deslocado e isto implica em mudanças na colônia, cuja capital não se encontrava com condições mínimas para acolher tão ilustres moradores (v. Schwarcz, 1995).

Este é um momento, que vinha desde o final do século XVIII, em que a elite e parte do povo brasileiro buscam mecanismos que permitam sua libertação do estatuto de colônia. Embora fosse uma sociedade embasada na escravidão que, desconsiderando a grande massa de escravos, considerava-se formada somente pelos senhores rurais e seus apadrinhados, observa-se que as idéias liberais, principalmente a partir da Independência Americana (1776) e da Revolução Francesa (1789), começavam a se fazer presentes. Este estado de coisas possibilitou várias reações populares, tais como a Inconfidência Mineira (1789), e a Conjuração Baiana (1798). Com isto, o século XIX tem seu início marcado por um período de desordens políticas, haja vista a continuidade do tipo de sociedade hierárquica e excludente e a presença do ideário liberal.

O então Príncipe Regente Dom João, ao desembarcar com sua Corte em 1808, tenta conter as revoltas e instituir uma sociedade "civilizada", ou seja, que siga os moldes da sociedade européia. Conter a desordem era, pois, imprescindível para o estabelecimento dessa "nova ordem". Somente desta maneira o Brasil poderia ultrapassar o estágio a que fora relegado pelos três séculos de regime colonial centrado na exploração dos recursos naturais e alcançar um nível de desenvolvimento sócio-político compatível com o padrão de outras nações no século XIX.

Como iniciativas marcantes do "processo civilizatório" da sociedade brasileira iniciado por Dom João, criam-se instituições variadas, que possibilitam conhecer o povo e a natureza, estabelecer leis e regras de funcionamento, difundir conhecimento e cultura (por exemplo, a criação da Imprensa Régia). Tais instituições são criadas com objetivos específicos dentro deste projeto maior. Como diz Jacó-Vilela, Esch, Coelho e Rezende (2004, p. 140):

Data dessa época [da chegada de Dom João VI ao Brasil] a instalação dos primeiros estabelecimentos de caráter cultural, como a Imprensa Régia (até então não havia, no Brasil, imprensa autorizada por Portugal), o Real Horto e o Museu Real. Vinculados aos modelos metropolitanos, os primeiros centros de saber enxergavam o Brasil ora como espelho, ora como extensão da corte portuguesa. D. João VI, logo após a mudança da corte para o Brasil, centralizou o poder na colônia, promovendo o início da criação de um Estado nacional e do desenvolvimento urbano, pelo menos na capital, Rio de Janeiro. Como os integrantes da nobreza portuguesa poderiam viver num país que não tinha os



hábitos de consumo, lazer, higiene e moradia que havia na Europa? O comércio internacional, as instituições culturais e de ensino superior surgiram como instâncias modernizadoras e civilizadoras da provinciana sociedade brasileira.

Embora as iniciativas de modernização se efetivassem quase que exclusivamente no Rio de Janeiro, capital da colônia elevada à posição de capital do Vice-Reino de Portugal, Brasil e Algarves, criado em 1815, pode-se presumir que isto ocorria por ser fundamental que o processo se iniciasse por onde se encontrava o centro do poder. Já não mais sede da colônia, já não mais uma vila, mas sim uma cidade com contornos metropolitanos, onde se vislumbram os perfis de uma nova arquitetura, uma reconstrução de espaços onde as pessoas possam transitar sem a estreiteza de vielas fétidas e soturnas que existiam até então (cf. Gondra, 2004). O estabelecimento de novos contornos é a marca maior de transformação que faz do Brasil um candidato a ser "espaço de modernidade e exemplo de civilização".

Em 1808 – ou seja, mesmo ano da chegada de D. João VI e sua corte – são criadas as cadeiras de Cirurgia e Anatomia na Bahia e no Rio de Janeiro que, em 1832, são transformadas nas Faculdades de Medicina.

### **As teses de medicina**

A partir da criação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, vê-se o estabelecimento de um maior contato com o continente europeu, mais especialmente com a França. Necessariamente havia que se institucionalizar a medicina no Brasil, a fim de evitar as ações dos "práticos", dos "barbeiros", ou seja, de todos os curandeiros que faziam de seu labor uma prática de tratamento e cura, sem que, no entanto, se situassem dentro do campo reconhecido de atendimento médico. Faziam uma medicina popular, que estava sendo substituída por aquela aprendida nos cursos médicos. Assim, estes "práticos" não habilitados para o exercício da medicina concorriam com os físicos e cirurgiões habilitados para tal fim. Estes eram poucos, o que favorecia a demanda pela prática não autorizada.

Uma das primeiras providências institucionais de Dom João VI é criar, em 1808, a Escola de Cirurgia da Bahia e, logo após, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Após algumas mudanças institucionais, em 1832, depois de promulgação de lei que previa pequenas alterações na estrutura das escolas já instituídas, a Comissão de Saúde Pública da Câmara aprovou a criação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia.

No caso do presente estudo, privilegiar-se-á a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, já que a tese investigada é oriunda desta instituição.

Um requisito formal se apresentava na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: para se obter o título de "doutor em Medicina" era necessário que se fizesse uma tese sobre um tema e que esta fosse defendida publicamente. Há, nesta determinação, uma clara tentativa de adaptação ao modelo acadêmico dos países europeus, isto é, entendia-se que fazer com que o futuro médico se debruçasse ao exercício de produção de material científico poderia facilitar a aproximação do Brasil ao "mundo civilizado". De outra maneira, permaneceriam como os curandeiros e barbeiros, ou seja, sem estabelecer qualquer relação entre sua prática e uma teoria que confirmasse esta medicina como "civilizada", quer dizer, "científica", já que a civilidade depende também da possibilidade de se fazer com que a ciência faça parte da sociedade. (cf. Jacó-Vilela e outros, 2004).

Malgrada a precariedade inicial das instalações e recursos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a influência francesa pôde se fazer sentir em detrimento do que havia até então, quer dizer, a primazia de uma medicina ibérica – os brasileiros que conseguiram formar-se médicos, até então, só o faziam em Coimbra.

Um forçoso amadurecimento e uma autonomia compulsória fazem com que os profissionais médicos passem a assumir uma posição auto-suficiente, mesmo diante de uma formação com muitas lacunas. Viam-se levados a praticar as "curas" nos mais diversos campos, superando as faltas de sua formação deficiente – até mesmo



professores faltavam, já que não havia material humano suficiente para dar conta do que se demandava aos futuros médicos.

Não havia limites para o médico de então: ele trataria da criança, mas também do idoso; trataria do homem, mas também da mulher; praticaria a clínica, mas também a cirurgia... Não estávamos ainda no estágio posterior, de especializações. Assim, o médico, apesar de uma formação falha, tinha que ser o profissional que amalgamasse todas as áreas em sua prática.

As teses de medicina são, portanto, eficientes instrumentos de internalização e divulgação de idéias que procuravam balizar a prática médica. Independentemente de serem mais científicas ou ainda voltadas para uma avaliação religiosa ou moral dos assuntos escolhidos como seus temas centrais, o certo é que eram instrumentos de consulta para os estudantes e profissionais, pois serviam como base de experiências anteriores que poderiam nortear as novas práticas. Poderiam ajudar a evitar erros bem como poderiam fornecer dados para novas experimentações.

No contexto deste ensaio, vale parafrasear Antunes (2001) quando diz que os saberes psicológicos se constituíram no Brasil a partir de trabalhos da educação, da medicina e da religião. Portanto, tomamos a tese de Jaime (1836) como um exemplo claro desses esforços que serviram para tal constituição, ainda que não tenha havido uma intencionalidade.

A tese de doutorado utilizada como fonte documental para este texto, intitula-se, como dito, "Considerações Sobre as Paixões e Affectos d'Almaem Geral, e em Particular Sobre o Amor, Amizade, Gratidão, e Amor da Pátria", de autoria de Manoel Ignácio de Figueiredo Jaime, tendo sido defendida em 1836. Um de seus exemplares, o que consultamos, encontra-se na biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que manteremos, em citações, a grafia do original, assim como feito no título acima.

Para ter acesso a esta tese, de forma a poder manuseá-la na medida das necessidades que surgissem para sua análise, foi necessário fotografá-la com o uso de uma câmera digital, já que a reprodução por fotocópia não é permitida, assim como qualquer outro meio de reprodução que não seja a fotografia. Deste modo, foram fotografadas todas as páginas da tese para que posteriormente se fizesse um trabalho com photoshop (software de edição de imagens) no intuito de torná-la mais legível. Dispensou-se a transformação do arquivo de formato *jpg* (programa de edição de fotos) em arquivo de *word* (editor de textos) em função das dificuldades encontradas pelo programa *ocr* (software que transforma imagem em texto) em reconhecer os caracteres (muito apagados) de muitas palavras do texto. Também o português do século XIX causou empecilhos para o desempenho do programa *ocr*, que interpretava algumas palavras como incorretas, o que fez com que se tornasse imprescindível a transcrição integral da tese. Todos estes fatores somados levaram à opção de se manter os arquivos em *jpg*, passando por um trabalho com o programa *photoshop*.

A escolha da tese ocorreu após contato com o banco de dados do Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia - Clio-Psyché, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Ana Maria Jacó-Vilela (2001). O citado banco de dados apresenta levantamento e resumos de teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro consideradas como de relevância ou com interface com a psicologia, nele estando incluídas teses sobre temas como: higiene, processos psíquicos, raça, mulher, sanitarismo, doenças mentais, doenças em geral.

Certamente, qualquer uma das teses poderia ser abordada de um ponto de vista da psicologia, mas os termos do título da tese escolhida foram bastante tentadores. De que maneira um candidato a médico se apropriaria de conceitos como os de "afetos", "paixões", "amor" ou "amizade"? E em que seu trabalho de pesquisa poderia colaborar para o desenvolvimento de um conhecimento dos saberes psicológicos?

Não se afirmará aqui que o trabalho escolhido seja representativo do campo científico da psicologia que então se constituía, mas, sim, que é uma interface para o entendimento de como contribuições como essa vieram a desempenhar um importante papel para a



difusão de idéias psicológicas em um cenário ainda dominado pela religião e no qual a ciência começa a dar seus primeiros passos

### **A tese, seus conceitos e idéias centrais**

É importante, neste momento, fazermos algumas considerações sobre nossas escolhas analíticas.

Procedemos à análise segundo o que Certeau (2002) denomina de “operação dos usuários”. Este termo remete, nas circunstâncias deste ensaio, a um uso bastante amplo de teorias distintas – algumas até opostas – utilizadas pelo candidato a médico que, tomando referências díspares, tenta fazer coincidir as teorias selecionadas para sua tese com suas teorias pessoais.

Outro conceito relevante em nossa análise é o de *bricolage*, apontado por Lévi-Strauss (2002) para designar uma soma de materiais cujo uso se transforma para dar conformação a algo novo e distinto da finalidade dos objetos utilizados a princípio. Como no manuseio de várias peças já desgastadas, a *bricolage* pretende dar novas formas e novas possibilidades de fazer. Diz Lévi-Strauss (2002, p. 32):

Aliás, subsiste entre nós uma forma de atividade que, no plano técnico, permite conceber perfeitamente aquilo que, no plano da especulação, pôde ser uma ciência que preferimos antes chamar de ‘primeira’ que de primitiva: é aquela comumente designada pelo termo *bricolage*.

Lévi-Strauss se refere, ao falar da *bricolage*, sobre a relação entre a ciência e o pensamento mágico, quando este pode ser apropriado pela ciência, tornando-se legítimo a partir destas apropriações: se a ciência faz uso de crenças próprias ao pensamento mágico, este pode ser interpretado como parte da criação humana, ainda que apenas como uma espécie de “arte”. Não é objeto de observação empírica ou discussão científica, mas revela algo criado pelo próprio homem como parte de sua vida, de sua percepção do mundo. Materiais que se unem podem perder suas características e peculiaridades primeiras para se transformarem em algo totalmente novo, saindo do esquecimento ou desuso para encontrar em uma nova forma de uso e fazer.

Observamos, por exemplo, que não parece haver preocupação do autor da tese em análise em manter uma coerência de teorias ou abordagens. Talvez se possa afirmar que, na verdade, tal coerência não fosse mesmo necessária para a construção da monografia, pois provavelmente o mais importante à época fosse conseguir acumular elementos para a comprovação da hipótese defendida pelo autor. Isto é bem característico daquilo que Certeau (2002) chama de apropriação, quer dizer, o uso de materiais distintos pode se justificar pela exigência de se demonstrar que aquilo do que se fala tem fundamentação encontrada em obras de autores reconhecidos, que são tomados como “autoridades” que corroboram o pensamento do futuro médico.

Antes de discutir pontos específicos da tese, citamos aqui os subtítulos nela presentes para melhor apreciação do corpo da obra:

- 1º) “A necessidade das paixões e affectos d’alma”;
- 2º) “Divisão das paixões e affectos d’alma”;
- 3º) “Desenvolvimento das paixões e affectos d’alma”;
- 4º) “Dos efeitos morbíficos das paixões”;
- 5º) “Sede das paixões”;
- 6º) “Do amor”;
- 7º) “Da amizade”;
- 8º) “Da gratidão”;
- 9º) “Do amor da pátria”;
- 10º) “Do tratamento das paixões”.

Logo no início de seu trabalho, Jaime (1836, p. 1) escreve: “Só como ente de razão poderíamos nós conceber a existência de hum ser humano destituído da susceptibilidade das paixões”. Este pequeno trecho nos remete àquilo que Garcia-Roza (1984) já nos falara sobre a concepção da loucura apreendida do cartesianismo: o homem é um ser





racional e só é homem sob esta condição. Se perde esta característica, ou seja, se perde sua capacidade de raciocinar, assemelha-se ou iguala-se aos animais. Para justificar, então, o (re)conhecimento da "susceptibilidade das paixões" é necessário, antes, fazer uso da razão.

Na frase posterior à citada, o autor passa a se utilizar de uma segunda referência: a da filosofia religiosa. Diz ele (Jaime, 1836, p.1):

A Providência nos deu os affectos d'alma para garantem da conservação da nossa espécie, e do indivíduo, e são elles com effeito a mola real da vida, os quaes o Creador infundiu em nossa alma com o desígnio de sermos por elles dirigidos nas escabrosas sendas desta vida transitória [...]

O discurso da religiosidade, da crença em "desígnios" de nossos afetos, mostra o quanto estamos entregues à força do "Creador", ou seja, estamos à mercê daquilo que Ele nos oferece. O homem não tem domínio sobre si, mas depende, segundo o autor, da vontade de Deus, que é o maestro das vidas humanas.

Esta não é uma visão incomum em trabalhos do século XIX, antes, é bem freqüente (Alberti, 2003). Os conceitos religiosos convivem pacificamente com outros que buscam atender aos critérios da ciência que está se impondo, criando campos específicos onde a religião, até então, construía uma única totalidade. Assim, vê-se autores tratarem temas como emoções, paixões, amor, afeto, tanto a partir de um escopo biologizante, quanto, indistintamente, com noções eminentemente religiosas. Muitas vezes é possível verificar que paradoxos são ignorados para que se possa sustentar uma teoria, isto é, o autor discursa a partir de posições opostas em diferentes ocasiões, sem se aperceber de que caiu em contradição: o mais importante é sustentar uma tese, ainda que seja necessário utilizar-se de paradoxos. Logo, não importa que se busque referências na Bíblia ou em trabalhos científicos, o que importa é conseguir afirmar – e confirmar – idéias através do recurso à Autoridade.

Antes de continuarmos, vale destacar que o termo "autoridade" em maiúsculas, é utilizado aqui para designar qualquer espécie de referencial "seguro" para o autor, ou seja, referencial respeitável para a sustentação da teoria proposta, e que confere legitimidade a esta. Estamos aqui nos apropriando, propositalmente, da expressão consagrada na Igreja Católica referente às "Autoridades da Igreja", pensamentos que devem ser aceitos e repetidos sem crítica ou oposição, ao mesmo tempo que constatamos que este recurso continua presente no mundo científico.

Mais um fato digno de nota: nem sempre as referências são seguidas de informações suficientes sobre sua origem. Não é raro constatar que uma teoria pode ser utilizada sem que haja qualquer indicação da obra em que foi pesquisada. Cita-se o nome da autoridade, o trecho que serve de confirmação àquilo que o autor quer corroborar, mas nenhuma indicação de ano ou obra onde a teoria foi publicada. Isto se deve, claro, a que aos trabalhos científicos daquela época não eram exigidos os mesmos parâmetros de hoje em dia, até em função de que os leitores – poucos – provavelmente conheciam as referências feitas. Isto é razão suficiente para compreendermos o aparente "descuido" no que diz respeito às referências – ou a falta delas – nas teses.

Voltando ao texto de Jaime, constatamos haver uma diferença – significativa – em sua visão sobre o que seriam "affectos d'alma" e o que seriam "paixões" (Jaime, 1836, p. 1):

... e nem se diga que os affectos d'alma degenerão a cada momento em paixões, que nos são nocivas; porque isso provém da debilidade de nossa organização, de sensações depravadas, idéas inadequadas, ou obscuras; juízos errôneos ou fantásticos, e de huma infinidade de outras causas, que podem perturbar ou affectar nossa Alma.

Na citação acima é possível perceber claramente uma primeira distinção feita pelo autor entre "affectos d'alma" e "paixões": os primeiros, ao sofrerem uma degeneração, seriam



transformados em paixões, nocivas ao homem. Porém, tal nocividade poderia ser relativizada segundo o próprio Jaime (1836, p. 1):

As paixões bem dirigidas produzem as grandes acções, as grandes virtudes, e os grandes heroes. Bem se exprime a tal respeito nosso comprovinciano Mello Franco. "As paixões são tão necessárias ao homem, como o ar que respira".

A citação de Jaime dispensa qualquer informação sobre de onde veio a frase citada, pelos motivos que explicitamos mais acima. Sabemos, todavia, que Francisco Mello Franco (1757-1823) foi médico dedicado ao estudo da importância da educação física para os meninos. Além disso, utiliza-se da mesma para quase contradizer o que escrevera no trecho anterior a este. No entanto, se "as paixões são nocivas ao homem", elas também são necessárias e podem, se bem dirigidas, levar a grandes ações. O herói depende das paixões. As paixões são nocivas, então? Não há paradoxo para o autor. O que há é um exercício da apropriação de idéias opostas que podem compartilhar de um mesmo espaço para comprovar teorias. Um exemplo disso é a tentativa de definir as paixões: por um lado, elas são tratadas como sendo nocivas; por outro, vistas como imprescindíveis para a sobrevivência humana. Como pode ser algo nocivo e imprescindível ao mesmo tempo? O afeto da alma, se degenerado, torna-se uma paixão. Mas aos heróis não pode faltar a paixão. E este não é um degenerado; pelo contrário, o herói é alguém de quem se espera grandes ações. O paradoxo do pseudo-silogismo é uma marca das possibilidades presentes no pensamento do autor. Ele não se contradiz, pois os contrários convivem entre si, desde que tal convivência seja necessária para comprovar uma determinada hipótese.

A contradição é resultado direto da apropriação das obras que são referências utilizadas pelo autor para a afirmação de suas convicções teóricas, bem como para demonstrar que está atualizado com todos os pensamentos de seu tempo.

Assim, logo após as considerações acima, Jaime descarta a classificação feita pelos diferentes filósofos sobre as paixões, propondo-se a retomar o problema cartesiano de ligação corpo e mente (Jaime, 1836, p. 2):

Muitas, e mui variadas têm sido as divisões que os philosophos têm feito das paixões; e como ellas assentem sobre hypotheses, que eu julgo menos úteis ao médico, deixando-as de parte, attenderei unicamente aos effectos do moral sobre o physico.

Fica claro que não interessa tanto a Jaime a discussão filosófica inerente à questão particular das paixões, mas sim em que o assunto dos afetos possa trazer de útil a um médico em vésperas de concluir o seu curso. Se há um correlato físico aos caracteres morais, isso é o que deve ser objeto de estudo para a medicina, e não as considerações filosóficas em si. Nota-se uma preocupação em demarcar uma diferença entre o que é o campo médico e o que é campo filosófico, o que é parte de uma intervenção sobre o físico e o que é um termo especulativo, o qual se afasta das peculiaridades inerentes à arte médica.

Pode-se presumir, portanto, que já está presente uma tentativa de dar à medicina um cunho científico, e não mais deixá-la à mercê das interpretações leigas, filosóficas ou poéticas. Impõe-se que a medicina se afaste das práticas dos curandeiros, dos barbeiros, dos práticos que, até então, tinham suas artes de curar legitimadas justamente pela falta de um limite de seu fazer (cf. Gondra, 2004; Jacó-Vilela e outros, 2004).

Quanto à divisão proposta, Jaime (1836, p. 2) diz:

Muitos Médicos tem concordado em dividir, segundo os seus effectos, as afecções e paixões d'alma, em allegres e tristes, ou conforme outros, em expansivas e deprimentes. Esta divisão he sem dúvida bem útil á medicina moral; por ella se colhem os dados para um justo, diagnóstico, sem o qual marchando-se ao acaso, muitas vezes será como hum milagre o acertar na cura



de doenças complicadas por essas afecções, principalmente quando por qualquer motivo o enfermo occulte a verdade ao Médico (...).

Alguns pontos se destacam nesta passagem: primeiramente, quando Jaime se refere às "afecções e paixões d'alma". Tanto os afetos quanto as paixões são considerados como sendo efeitos de algo que emana da alma. No título de sua tese isso não fica tão claro. Nele há uma conjunção aditiva ("paixões e affectos d'alma"), que não impede uma leitura de que somente os afetos são próprios da alma, e não as paixões.

Em segundo lugar, percebe-se que o autor diz que tanto os afetos (ou as afecções) quanto as paixões podem ser definidos como "allegres e tristes" ou ainda como "expansivas e deprimentes". A distinção, neste caso, ainda não se faz perceptível, já que qualquer um dos termos pode ser referido a extremos como a alegria ou a tristeza. Na verdade, parece mesmo que não há distinção a fazer, embora Jaime faça, a princípio, uma discriminação clara, fazendo com que a idéia de paixão coincida com uma negatividade que lhe seria inerente, já que estas seriam "nocivas ao homem".

Tal convicção é desmantelada pelo paradoxo apresentado. Se são responsáveis pela ação do homem, nem sempre serão nocivas a ele, somente se não servirem para a ação. Estas perspectivas podem ser conduzidas até o que Certeau (2002) chama de "operações dos usuários".

Ao tratar sobre *as artes de fazer*, Certeau procura as interseções possíveis entre os fazeres mais diversos, ainda que não se possa reduzi-los a um. O autor busca, na minúcia de diversas práticas, as convergências que tornam possíveis um remanejamento de tais práticas que, unidas, criam uma nova prática, diferente das que a originaram, utilizando-se para isto de uma terminologia francamente capitalista e ocidental.

Lévi-Strauss (2002) oferece também uma visão interessante sobre o fenômeno da apropriação: a arte da *bricolage*. O *bricoleur* é aquele que, fazendo uso de diversos materiais aparentemente sem qualquer similaridade entre si, cria um novo uso para aquilo que, isoladamente, pode ter uma utilidade completamente diferente ou que já não encontra mais uso. Podemos comparar a *bricolage* ao artesanato feito com sucatas, por exemplo, cujos materiais utilizados perdem suas características primeiras de uso, gerando um novo objeto, com finalidades totalmente distintas das originais.

Dando continuidade à análise do texto de Jaime (1836), vemos que o autor, após as considerações filosóficas sobre os "affectos e paixões d'alma", procura descrever os sinais físicos daquilo que chama afetos e paixões alegres ou expansivas. Provavelmente, há uma necessidade inerente ao exercício do médico que se entrega à pesquisa, em fazer aparecer em sua tese sua busca empírica, algo concreto que delimite bem o seu campo de atuação. Logo, há que se tentar articular as considerações teóricas com algumas observações que comprovem o que o candidato defende. Dessa maneira, feito o esforço de enumerar e conceituar os ditos "affectos e paixões allegres e tristes", há que se distinguir os seus sinais no corpo., já que é o corpo o objeto da Medicina.

Também está presente no trabalho de Jaime uma preocupação em estabelecer comparações entre o homem e o restante dos animais. Ele escreve (Jaime, 1836, p. 3): "Ao homem que se acha no topo da escala da perfectibilidade foi dada a sublime razão para encarar, discernir e buscar o bem, amar o prazer lícito, e congruente com ella, fugir a tudo quanto se lhe apresenta avesso a sua conservação"

Jaime compara, neste ponto, o instinto animal ao instinto humano da preservação da espécie; no entanto, no caso do homem há também um caráter moral que o distingue dos animais, fazendo o ser humano buscar essa mesma conservação através do "prazer lícito", sempre ligado a uma necessidade de "buscar o bem". A inclinação ao discurso filosófico-religioso é inegável. O desenvolvimento das paixões e afetos passa a ser averiguado a partir dos princípios relacionados acima. Para conseguir argumentos suficientes para a sua teorização a esse respeito, o doutorando recorre a uma citação de L. L. Rostan (médico higienista do século XIX, 1790-1866), na qual este destaca o "desejo de viver" do ser humano. Com isso, continua Jaime (1836, p. 3):

o desejo tem sido dado ao homem para empenha-lo a viver; elle he a primeira causa da existência. Não he



duvidoso que sem desejo elle deixaria de existir; porque o que seria a vida sem o desejo?...Os desejos são pois necessários; as paixões que não são senão desejos violentos, são necessárias também, ellas são o mais poderoso móvel de nossas acções..."Sem paixões todo o estado de sociedade desmoronava-se" (Rostan, 1826, p. 266, tradução nossa).

Mais uma vez o doutorando se utiliza de uma idéia que liga a paixão a uma necessidade, no caso, ao desejo de viver. A paixão "é um desejo violento", mas é justamente a responsável pela vida do homem. Ao fazer este tipo de consideração, como dizer que as paixões são nocivas? A idéia antitética se confirma, então.

O trabalho de procurar os substratos físicos é diminuído. Insistentemente, Jaime se vale muito mais de idéias filosóficas do que fisiológicas sobre o tema que aborda em sua tese. Procura dar ao homem um caráter eminentemente racional, sugerindo assim uma afiliação à filosofia cartesiana, mas também se deixa levar pelo influxo de considerações filosófico-religiosas de fundamentação agostiniana – ou tomista, se considerarmos que Tomás de Aquino também se apropriou de várias idéias de Santo Agostinho para construir sua obra.

O doutorando também procura caracterizar a espécie humana como inevitavelmente ligada à necessidade de ser feliz. Este seria um imperativo em virtude de sua necessidade de conservação. A infelicidade deixaria o homem à mercê das paixões e afetos deprimentes, o que o levaria a seu próprio fim, dado que ele não suportaria viver nesta condição. Como necessita manter sua espécie, como não pode fugir à autopreservação e ao imperativo da preservação de sua espécie, cabe ao homem lutar por sua felicidade a todo custo. Assim, Jaime afirma (1836, p. 4): "A felicidade dos seres está na sua perfeição, e quanto mais elles se aproximão da perfeição, tanto se aproximão da felicidade".

O homem, que busca ser perfeito, também tem como objetivo, portanto, ser feliz. Esta proposição é, em parte, de autoria do abade F. de la Mennais, em seu *Essai sur l'indifférence em matière de Religion*, tomo 1º, capítulo 9º, conforme citado por Jaime.

A *bricolage*, como diz Lévi-Strauss (2002), assim como, associativamente, a operação do usuário – como no trabalho de Certeau (2002) – ficam ainda mais patentes nesta passagem pela produção de l'Abbé F. de La Mennais. A título de informação, vale dizer que não há maiores informações sobre o abade, sabendo-se contudo que parte de sua obra foi condenada pela Igreja Católica, por defensor de idéias iluministas (cf. Reale & Antiseri, 1991). Esta última característica fica clara na citação que Jaime faz (1836, p. 4):

Até que elles [os homens] a esta [felicidade] cheguem, vemo-los agitados, inquietos, porque todo o ser que não tem tocado a perfeição que lhe he própria, ou que não he tudo o que elle pode ou deve ser, está em hum estado de agitação, e procura o lugar do seu repouso, como um viajante errante em regiões estranhas procura com anciedade sua pátria.

A comparação, mais uma vez, é o elemento que facilita a compreensão da proposição do autor. Buscar a felicidade é como buscar um terreno seguro, algo conhecido. A pátria, por exemplo, para quem está em um lugar desconhecido, pois é como se estar "em casa". A referência tem uma concepção de cunho iluminista, ainda que discreta. O homem só consegue a sensação de segurança diante do que lhe é conhecido, e é por isso que sua pátria é imprescindível para o seu bem-estar. O desconhecido é sinônimo de insegurança e, portanto, de infelicidade. E o ponto de ancoragem da felicidade só pode ser obtido através da segurança de encontrar alguma certeza de que o ordinário, o conhecido, está próximo.

Na busca por "instrumentos" que fundamentem o trabalho, o autor faz suas operações se multiplicarem. O fazer, por mais que mude o escopo daquilo de que se apropria, deixa à vista o seu referencial. Certeau (2002, p. 39) dá um exemplo:



Os indígenas as subvertiam [as coisas impostas pelos colonizadores], não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usa-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Elas eram outros, mesmo no seio da colonização que os 'assimilava' exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia seu poder, que não tinham meios para recusar; a esse poder escapavam sem deixa-lo.

Mesmo mantendo rituais que lhes são próprios, os indígenas colonizados absorvem o hábito do colonizador, dando um novo matiz ao mesmo. No entanto, por mais que tente conservar aquilo que lhe é familiar, não consegue também ignorar os novos rituais e hábitos. O saber do homem branco penetra na comunidade e aí se estabelece, forte e fazendo com que algo se estenda da Europa até o Novo Mundo.

Um médico brasileiro poderia não perder sua "brasilidade", mas mesmo assim procurava parâmetros que vinham do continente europeu. A Europa era o centro do "mundo civilizado" e subestimar suas prescrições significaria manter a colônia em estado primitivo. Ciosos por conquistar *status* que só poderia ser atribuído por um centro de poder, os estudiosos da Faculdade de Medicina se utilizavam das produções européias que dariam sustentação às suas obras, permitindo que as mesmas se tornassem "fidedignas" a partir de referenciais da Europa "civilizada" e "civilizadora".

Jaime é um dos médicos – ou candidatos a médico – que torna sua tese um dos exemplos de "operação dos usuários" e de bricolage. Sua preocupação difusa com paixões, afetos, amizade ou amor da (*sic*) pátria não deixa de ser um indício de que a erudição é uma meta. Restringir-se a um único assunto talvez pudesse significar empobrecer as possibilidades da pesquisa. Assim, idéias da filosofia, da fisiologia, da literatura etc. vão se alternando na constituição de um material "científico", "médico". O texto segue fluidamente para dar conta das proposições acerca dos assuntos elencados.

Para dar inteligibilidade e coerência ao que diz, Jaime prescreve moderação nas paixões. Manter as paixões sob controle, este é o remédio ideal para que o homem possa conviver com as mesmas, tão necessárias à sua conservação. O cunho moral de tal prescrição parece inequívoco. No decorrer da prescrição, mais uma vez o doutorando se entrega às observações empíricas relativas aos efeitos das paixões. A fisiologia parece ser o destino. O trabalho de um bom fisionomista é o bastante para confirmar o quanto os efeitos da paixão podem ser prejudiciais, pois pelos traços da face é possível determinar o quanto o homem pode estar abatido pela paixão...

No intuito de conhecer de onde provêm as paixões, Jaime suscita, uma vez mais, idéias de origem claramente cartesianas. A razão é a âncora para que o homem possa reagir aos malefícios de uma "paixão deprimente". Somente a força desta razão poderá fazê-lo não sucumbir. Diz Jaime (1836, p. 5):

Em huma paixão deprimente, se o individuo possui huma certa fortaleza de espírito, e que o sopro da consciência faça brilhar as scintillas da razão, que vivem abafadas pelas cinzas de affecções que compungem e abatem seu nobre ser, se elle presta attenção ao brilho de sua luz, que como perilampos buscão affastar as trevas dessa noite degradante para sua sublime razão, elle força e consegue a distracção d'alma dessa cauza, que a martirisa, a avilta, e a abate, e ao menos por momentos elle se alegra, não sente essa quase dor, ou aperto do coração que caracteriza esta secção de affecções...

Prossegue o autor afirmando que é na alma que se encontra a sede de todas as afecções. Não seria então uma afirmação de que a alma se opõe à razão? A alma pode ser entendida, dessa maneira, como uma parte do ser humano que se afasta da razão e faz



o homem sofrer. A razão é o lugar privilegiado do bem-estar. A alma pode nos trazer as tristezas e o sofrimento.

Para continuar suas digressões, o autor faz menções a diversos fatores que podem ser considerados como fundamentais no exercício explicativo das afecções que fazem o homem sofrer. Para tal empreitada, até mesmo noções de desenvolvimento são utilizadas. É no estudo das "idades do homem" que se pode perceber algumas das inclinações do ser humano. Com isso, vão se acumulando as idéias racionalistas, mesclando-se a concepções religiosas, morais, etc., no intuito de dar configuração ao que é ser homem, fazendo largo recurso à bricolage.

As noções de desenvolvimento se repetem na seção seguinte, intitulada "Do amor", onde se faz uma série de considerações sobre o quanto o ser humano precisa de cuidados em sua idade mais tenra, até chegar à "idade decrépita", quando se prepara para morrer. Também são consideradas as oposições entre as forças de conservação e as da procriação. Neste caso, as de procriação deveriam ser primordiais, pois mais do que se autoconservar, o homem deverá estar pronto a manter sua espécie. É uma concepção que talvez parecesse nova nessa época, mas talvez já estivesse imbuído dos prenúncios evolucionistas.

Para entender melhor o amor, termo constante de suas preocupações e investigações, Jaime se vê obrigado, inclusive, a buscar explicações na poesia de Tomás Antônio de Gonzaga (1744-1810), em sua obra "Marília de Dirceu". Em toda essa seção sobre o amor, Jaime se entrega a considerações que buscam suas maiores referências na poesia. No prosseguimento, Jaime ainda trata sobre a amizade, a gratidão e o "amor da pátria", sendo as duas primeiras mais referenciadas por noções platônicas, religiosas e morais e o terceiro pelas ideais iluministas nos quais subjaz a noção de patriotismo e entrega total ao chão em que se nasce. Dentro de tal noção já estão implícitas as idéias de liberdade tais como o ocidente passara a utilizar, deixando de lado a centralização do poder pela nobreza e valorizando a força produtiva do indivíduo livre.

De qualquer maneira, a amizade e a gratidão são instadas a uma significação amorosa, ou seja, fazem parte de um amor que não pode ser o amor erótico, este mais identificado à paixão. No caso da amizade e da gratidão, a paixão não exerce nenhuma influência, deixando somente a um amor desinteressado as suas forças – ou seja, a força das paixões. A amizade é parte de uma entrega sem vícios; a gratidão é "huma virtude não vulgar dos corações sensíveis" (Jaime, 1836, p. 19). Sentimentos elevados e sublimes, não podem ser confundidos com um outro que é considerado, por vezes, como "nocivo ao homem".

Ao tratar do "amor da pátria", Jaime (1836, p. 20) escreve:

Se nos limitarmos a considerar o amor da terra natal, bastantes exemplos há de nostalgias, enfermidade terrível, e que quasi sempre é mortal. Debaxo desta accepção todo o ser sensível é susceptível desta paixão, quando se veja auzente. Na infância nossos nervos dotados de muita sensibilidade, nossa imaginação ainda sem ideas começa a receber todas as impressões que lhe vem pelos sentidos...

Mais uma vez a paixão surge como um modo de sentir. Amar à pátria pode ser nostálgico, pode ser considerado uma enfermidade, desde que se esteja dela afastado. A infância é uma parte do aprendizado necessário para explicar sensibilidades advindas do que nos é legado pelos sentidos. Empiricamente o homem se desenvolve e percebe sua necessidade de estar em contato com o conhecido, com aquilo que lhe é familiar desde o início de sua vida. Se isto é feito em sua terra natal, esta passa a ser parte do seu desenvolvimento, de sua própria história.

O patriotismo, no entanto, é uma "virtude rara", mais rara até do que a "verdadeira amizade" (Jaime, 1836, p. 21). O amor por uma ordem imprescindível para o crescimento de nossa terra, o progresso que dela esperamos, tudo faz parte de um capítulo de nossas vidas. Este amor precisa ser desenvolvido e cultivado, precisa crescer e se fortalecer na certeza do muito que nossa pátria tem a nos oferecer. A luz vem desse



amor, o Iluminismo alimenta esta crença, que é assimilada também pelo médico que a prescreve.

### Considerações finais

Massimi (1984, 2000) destaca a grande importância dada aos textos e produções estrangeiras em detrimento das brasileiras. O que era bom vinha do exterior; as obras brasileiras eram vistas como de menor importância, chegando a ser mais difícil encontrar um livro brasileiro do que um estrangeiro. As teses eram um somatório de idéias importadas, de maneira geral. Pouco havia de original, pois os autores procuravam referências seguras de autores conhecidos para sustentar aquilo que se propunham a investigar. No fim das contas, o que se via era um emaranhado de teorias as mais diversas fundidas em um único trabalho.

A quantidade de referências que enriquece o conteúdo da tese de Jaime (filosofia, religião, fisiologia) pode parecer uma estratégia que causa muito mais uma idéia de dispersão. Nós, homens do século XXI, podemos até mesmo considerar um equívoco epistemológico proceder desta maneira. Mas para este candidato a médico é um recurso favorável à sua formação, que lhe exige erudição sobre os conhecimentos de um mundo que se alastra do centro (a Europa) para a periferia (o chamado "Novo Mundo").

O estado nascente de uma ciência pode ser considerado como uma afirmação do desejo de crescer. Tornar-se centro do poder não significa somente receber o rei; é preciso que se ofereçam as mesmas condições de vida existentes no mundo de onde os regentes vieram. Para isso a transformação de colônia em capital passa pela demonstração de que há homens intimamente ligados à cultura do reino, que está situado no berço da civilização, a Europa, única senda possível para o crescimento humano.

O saber vindo da Europa satisfaz às exigências de um poder imperial, mas o exercício deste pode ser uma exigência para a confirmação da possibilidade de a colônia ser um lugar possível para se viver. Não há como prescindir dos conhecimentos arregimentados ao longo dos séculos, construídos através dos intelectuais do "Velho Mundo", berço de qualquer tentativa civilizatória. O saber traz um poder que se transforma em conforto, oferecido pela garantia de que, ainda que longe do continente europeu, pode gozar das mesmas benesses desfrutadas naquele lugar.

Na confluência de saberes diversos, assim como visto na tese de Jaime, por exemplo, o que se chama de saberes ou idéias psicológicas vem a lume e se prenuncia como um campo a ser examinado. A Medicina confirma, desta maneira, sua participação na gênese das principais produções relativas ao saber sobre o psiquismo humano.

### Referências

- Alberti, S. (2003). *Crepúsculo da alma*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Antunes, M. A. M. (Org.). (2004). *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Antunes, M. A. M. (2001). *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua construção* (2a ed.). São Paulo: Unimarco; Educ.
- Assis, R. M. (2004). *Psicologia, educação e reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846-1847)*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Assunção, P. (2004). *Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: Edusp.
- Bomfim, M. (1923). *Pensar e dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem*. Rio de Janeiro: Casa Electros.



- Campos, R. H. F. (Org.). (2001). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago.
- Certeau, M. (2002). *A invenção do cotidiano* (8a ed.) (E. F. Alves, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Costa, J. F. (1983). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Espírito Santo, A. A.; Jacó-Vilela, A. M. & Ferreri, M. A (2006). A imagem da infância nas teses da faculdade de medicina do Rio de Janeiro (1832-1930): infância e medicina. *Psicologia em estudo*, 11, 19 – 28.
- Garcia-Roza, L.A. (1984). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Gondra, J. G. (2004). *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jacó-Vilela, A. M. (2001). Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Revista Interações*, 6(12), 11-39.
- Jacó-Vilela, A. M.; Esch, C. F.; Coelho, C. A. M. & Rezende, M. S. (2004). Os estudos médicos no Brasil no Século XIX: Contribuições à Psicologia. *Memorandum*, 7. Retirado em: 30/12/2007, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/jacovilela01.htm>.
- Jacó-Vilela, A. M.; Ferreira, A. A. L. & Portugal, F. T. (Orgs.). (2005). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau.
- Jaime, M. I. F. (1836). *Considerações sobre as paixões e afetos d'alma em geral, e em particular sobre o amor, a amizade, a gratidão e amor à pátria*. Tese de Doutorado não-publicada, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Kuhn, T. S. (1975). *A estrutura das revoluções científicas*. (A. Contin Trad.) São Paulo: Perspectiva. (original publicado em 1962).
- Lévi-Strauss, C. (2002). *O pensamento selvagem* (2a ed.) (T. Pellegrini, Trad.). Campinas: Papyrus.
- Massimi, M. (1984). *História das idéias psicológicas no Brasil em obras do período colonial* Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Massimi, M. (1989). *A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Massimi, M. (2000). Matrizes do pensamento em Psicologia Social na América Latina: História e perspectivas. Em R. H. F. Campos & P. A. Guareschi. *Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino-Americana* (pp. 32-57). Petrópolis: Vozes.
- Massimi, M. (2005). *Palavras, almas e corpos no Brasil Colonial*. São Paulo: Loyola.
- Neves, L. F. B. (1998). *Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Reale, G. & Antiseri, D. (1991). *História da filosofia*, 3 vol.s (Álvaro Cunha, Trad.). São Paulo: Paulinas.





- Rocha, N. M. D. (2001). Questões psicológicas nas teses da faculdade de medicina da Bahia: nota prévia sobre as influências intelectuais. Em A. M. Jacó-Vilela; A. C., Cerezzo & H. B. C. Rodrigues, (Orgs.). *Clio-psyché ontem: fazeres e dizeres na história do Brasil* (pp. 133-149). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Rostan, L. (1826). *Traité élémentaire de diagnostic, de pronostic, d'indications thérapeutiques, ou Cours de médecine clinique*. Paris, Béchet jeune.
- Schwarcz, L. (1995). *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vieira, A. (1945). Sermão da Sexagésima. Em *Sermões do Padre Antônio Vieira*. (vol. I, pp. 71-176). Porto: Lello Irmãos Editores. (Original de 1655)
- Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica: por quê?. Em J. Brozek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da psicologia moderna: versão brasileira* (pp. 21-41). São Paulo: Unimarco; Loyola.

#### **Nota sobre os autores**

*Roberto Silva de Souza* é doutor em Psicologia Social, professor da Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (MG) e da Faculdade de São Lourenço (MG). *Contato*: robertossouza@yahoo.com.br.

*Ana Maria Jacó-Vilela* é pesquisadora do Núcleo Clio-Psyché de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. *Contato*: amjaco@uol.com.br.

**Data de recebimento: 02/04/2008**

**Data de aceite: 20/10/2008**